

O registro arqueofaunístico no Forte General Paz (Distrito de Carlos Casares, província de Buenos Aires, Argentina)

Julio Fabián Merlo
Diana Sandra Tamburini
Juan B. Leoni

Introdução

Durante o século XIX, no território que ocupa atualmente a Argentina teve lugar um processo de expansão territorial que tinha como objetivo incorporar extensões de terras para o modelo agrícola e pecuário predominante na atual região pampeana. Esse território foi marcado pela implantação de fortes e fortins que conformavam a linha de fronteira contra os ataques dos indígenas. Como consequência dos avanços efetuados, foi construído o Forte General Paz em finais da década de 1860. A guarnição do forte mudou com os anos, mas, normalmente, consistia de um regimento de cavalaria e de um batalhão de infantaria, mais contingentes variáveis de baqueanos, Guardas Nacionais e índios amigos das tribos de Coliqueo, Manuel Grande e Tripailaf.

Esta circunscrição militar formava parte de um sistema de defesa no atual distrito de Carlos Casares, província de Buenos Aires. Foi instalado em um período de grande hostilidade entre os grupos de indígenas e a sociedade nacional argentina, como resultado de um novo avanço da linha de fronteira em terras indígenas. As fronteiras internas deste período foram uma área geográfica muito complexa nos aspectos político, cultural, simbólico e social, onde vários processos de negociação, poder e identidade foram desenvolvidos. Esta fortificação funcionava como um enclave fronteiriço onde existiu uma comunidade complexa composta de uma variedade de atores sociais (LEONI *et al.* 2013).

No presente trabalho, apresenta-se a análise do conjunto arqueofaunístico do Forte General Paz (FGP), que funcionou como centro de comando da Fronteira Oeste de Buenos Aires entre 1869 e 1877. Em um contexto geral, o conjunto arqueofaunístico analisado constitui uma evidência

material relevante das espécies faunísticas destinadas à alimentação desse enclave fundamental na fronteira.

O sítio arqueológico Forte General Paz (SFGP) localiza-se no distrito de Carlos Casares (província de Buenos Aires, Argentina) (Figura 1). Funcionou como centro de comando da Fronteira Oeste entre 1869 e 1876. O tamanho e a variada composição da guarnição fizeram deste forte um importante enclave da fronteira, com uma função central na ofensiva militar, mas também se tornou um polo que aglutinou a variada população civil e descendente de europeus e indígenas.

FRONTEIRA OESTE (SÉCULO XIX)



Figura 1. Localização do monólito comemorativo e do distrito de Carlos Casares, província de Buenos Aires, Argentina.

Os trabalhos de campo

No SFGP estão sendo realizados trabalhos de campo desde 2006, nos quais foram identificados diferentes usos espaciais da fortificação, seus diversos componentes, atividades e práticas desenvolvidas pelos habitantes. Foram aplicadas diferentes técnicas, incluindo a pesquisa histórica, cartográfica e aerofotográfica, o reconhecimento do terreno, a prospecção geofísica, bem como as coletas superficiais sistemáticas e as sondagens exploratórias que possibilitaram a identificação dos recintos que formaram parte dos prédios do forte e uma área de descarte. No ano de 2006, foi realizada uma coleta superficial sistemática destinada a registrar e recuperar a distribuição espacial dos artefatos na área, dispersos por causa das diferentes atividades agrícolas e acompanhados de escavações estratigráficas. O conjunto

artifactual destaca-se pela sua diversidade, refletindo uma amplo espectro de atividades e representantes sociais. Os trabalhos de campo produziram um rico e diversificado corpus artefactual, que permite interpretar a organização espacial do sítio, as atividades nele e a natureza temporária da sua ocupação (LEONI *et al.* 2007).

O registro arqueofaunístico no sfgp

A totalidade da amostra arqueológica do SFGP tem sido afetada por diferentes agentes culturais e naturais, processos que, atualmente, continuam alterando o grau de resolução do registro arqueológico (*sensu* BINFORD, 1981). Portanto, os resultados tafonômicos da amostra estão fortemente relacionados aos diferentes agentes naturais e culturais que afetaram o sítio, desde o momento em que os elementos passaram a formar parte do registro arqueológico até os eventos que ocorrem na atualidade. Para estabelecer o grau de meteorização, é necessário levar em consideração que a amostra faunística está composta por materiais ósseos que representam momentos, presumivelmente prévios e posteriores à ocupação do SFGP e à contínua reocupação por parte da população contemporânea.

Para analisar especificamente a meteorização, não foram levados em conta aqueles elementos ósseos que apresentassem sinais de alteração térmica. A maioria dos restos ósseos dos mamíferos estudados apresenta um estágio de meteorização 3 (59%), segue-se do estágio 2 (27%), o estágio 4 (13%) e, em menor proporção, os estágios 1 e 5 (1%).

A análise arqueofaunística foi realizada sobre o conjunto total dos *táxons* recuperados nos diferentes trabalhos de campo efetuados no SFGP, toda vez que não foi possível diferenciar as áreas de descarte que representassem diferentes grupos sociais ou castrenses. Registrouse uma importante concentração de fragmentos ósseos, que representa 49% (n=3480) do total dos achados e que se distribui nas sondagens realizadas sobre o campo arado (Tabela 1).

FORTE GENERAL PAZ	ósseo	lítico	vidrio	metal	tijolo	TOTAL
Nº =	3480	12	2755	210	183	6640
EM %	49	0	39	3	3	100

Tabela 1. Achados de materiais recuperados nos diferentes trabalhos realizados na área do SFGP.

Em primeiro lugar, foram classificados os fragmentos de unidades anatômicas por espécies. No caso dos ossos que não puderam ser identificados, estes foram classificados nas categorias de Mamíferos Grandes (MG) representados pelas espécies *Bos p. taurus* (boi) e *Equus f. caballus* (cavalo); Mamíferos Médios (MM), para as duas únicas espécies determinadas, *Ovis o. aries* (ovelha) e *Ozotoceros b. celer* (veado-campeiro), e Mamíferos Pequenos (MP), que inclui o grupo de tatus que predominam na região, *Chaetophractus villosus* (grande tatu peludo), *Dasyopus hybridus* (tatu-mulita). Igual procedimento foi aplicado à escassa presença de aves (Merlo 2014; Figura 2).

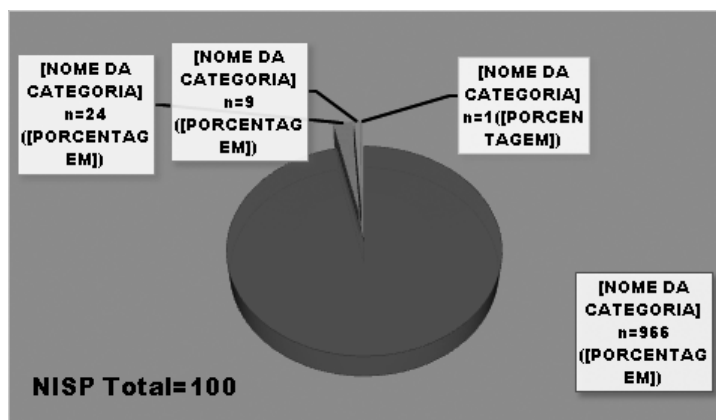


Figura 2. Distribuição percentual dos diferentes tamanhos dos fragmentos ósseos que representam as categorias de espécies determinadas.

Com respeito aos mamíferos grandes (MG), a recuperação dos fragmentos ósseos de *Bos p. taurus* predomina notavelmente sobre o restante representando 97% (n=96) do conjunto. Muitas das unidades anatômicas estão alteradas termicamente em grau de queimado e calcinado e, em menor proporção, parcialmente queimado e sem queimar. A maioria dos restos ósseos dessa espécie (82%) está modificada, enquanto 18% do total não apresenta alterações. Dentre as modificações de origem natural, observaram-se aderências inorgânicas, marcas de raízes, carnívoros e pisoteio. As primeiras e as últimas predominam sobre as restantes e podem dar conta do estado de conservação da amostra. As marcas atribuídas aos carnívoros são relativamente baixas (n=26) comparadas com o restante das marcas produzidas pelos processos naturais. As modificações

originadas pelos agentes culturais que foram identificados exibem uma importante quantidade de marcas de corte e esquartejamento (n=63; figura 4), que foram registrados em unidades anatômicas de diferentes partes do esqueleto. Observou-se o predomínio das marcas de corte nos ossos que representam as zonas de maior conteúdo de carne (e.g. costelas, vértebras lombares e cervicais, escápulas, fêmur, dentre outros). Também foram registradas modificações antrópicas naqueles ossos de rendimento econômico médio e baixo (e.g. astrágalo, calcâneo autopodium, rádio-ulna, dentre outros).

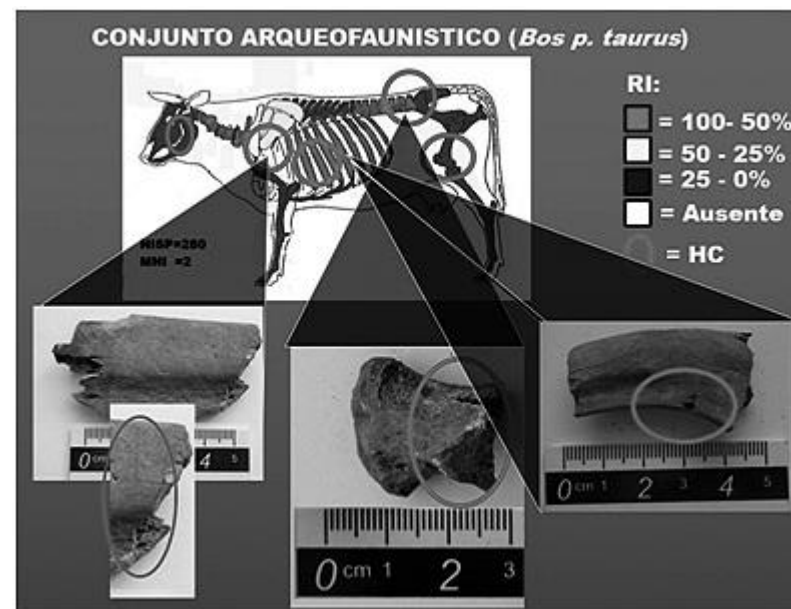


Figura 3. Esquema em porcentagem das unidades anatômicas que representam a frequência de partes esqueléticas de *Bos p. taurus* com imagens com detalhes de marcas de corte, recuperados nas escavações do SFGP.

No que refere a *Equus f. caballus*, este representa 6% (n=20) da amostra. Na maioria dos restos ósseos dessa espécie, assim como com *Bos p. taurus* (71%), observam-se modificações naturais e culturais, enquanto 29% não apresenta alterações. Dentre as modificações de origem natural, observaram-se aderências inorgânicas, marcas de raízes, carnívoros e pisoteio, dentre outras características semelhantes ao restante das espécies.

Também foram observadas marcas de corte (n=8, ver figura 4), registradas em diferentes unidades anatómicas. As modificações produzidas por alteração térmica exibem um padrão semelhante a *Bos p. taurus*, porém, em menor proporção.

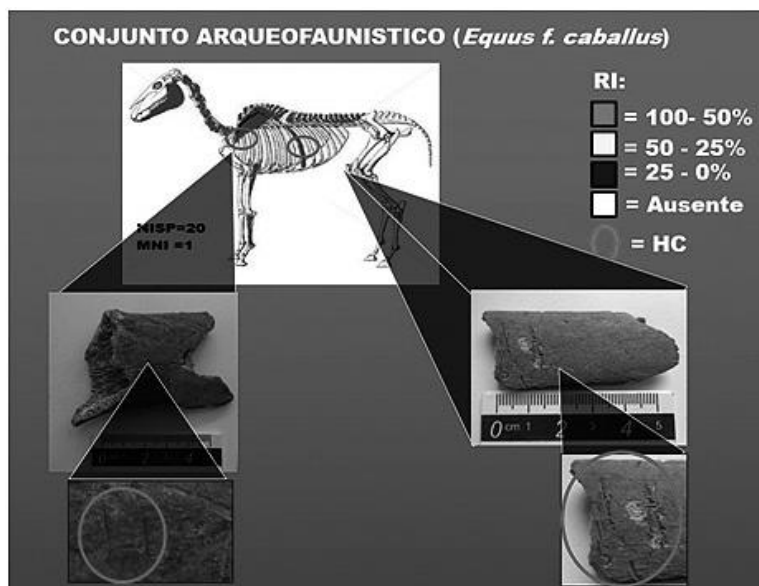


Figura 4. Esquema em porcentagem das unidades anatómicas que representam a frequência de partes esqueléticas de *Equus f. caballus* com detalhes da evidência de marcas de corte.

Na Figura 5, pode se observar a distribuição das partes esqueléticas presentes: o crânio, parte das patas da frente (autopodium e rádio-ulna), parte do esqueleto pós-craniano (escápulas, costelas e vértebras cervicais, torácicas e lombares) ossos de rendimento econômico baixo, médio e alto. A ausência de representação das patas posteriores e a baixa presença de ossos longos como costelas podem ser atribuídos a diferentes processos culturais e naturais. Essas partes poderiam ter sido utilizadas como combustível, ou desmembradas e deslocadas para outros setores ou armazenadas (charque), trocadas com os índios, ou mesmo ter sofrido os efeitos de outros processos pós-deposicionais.

Na categoria dos mamíferos médios (MM), foram registrados fragmentos ósseos de *Ovis o. aries* (n=34), que predominam notavelmente

sobre os de *Ozotoceros b. celer* (n=1). Esse grupo representa 2% (n=24) do conjunto faunístico analisado no SFGP. Da primeira espécie, foram recuperados fragmentos de unidades anatómicas de rendimento econômico alto, médio e baixo. Ao contrário dos MG, observou-se menor quantidade de modificações naturais e culturais. No caso das últimas, foram registradas em poucos ossos (n=3) e a maioria das marcas correspondia a descarnado e não a espostejamento. Também foram observadas alterações térmicas em proporção bem menor e em graus menos elevados (e.g. parcialmente queimado).

Foram registradas marcas de corte e esartejamento no coxal esquerdo de *Ozotoceros b. celer*. Pelo contrário, não foi registrado processamento com uso do fogo. Apesar da presença de uma única unidade anatómica dessa espécie, foi possível registrar claras evidências de intervenção antrópica (Figura 5).



Figura 5. Esquema em porcentagem das unidades anatómicas que representam a frequência de partes esqueléticas de *Ovis o. aries* y *Ozotoceros b. celer* com detalhes da evidência de marcas antrópicas.

Os mamíferos pequenos (MP), representados por tatus (*ChaetophRACTUS villosus*, *DasyPUS hybridus*), constituem 1% (n=9) do total da

amostra. Contudo, é importante destacar que a concentração de achados arqueológicos dessas espécies ocorreu geralmente nas áreas mais elevadas do sítio. Anteriormente, foi possível observar que, nos demais sítios em que o trabalho foi realizado, Fortim El Perdido e Fortim La Parva, os tatus buscaram as áreas mais elevadas para cavar suas tocas (Merlo 2014). Situações semelhantes foram registradas em um trabalho experimental realizado por Mello Araujo e Marcelino (2003) com tatus (subespécie *ChaetophRACTUS novecentus*). Essas espécies não só produzem uma perturbação do registro arqueológico, mas também aumentam a presença de unidades anatômicas não contemporâneas à ocupação do SFGP. Os restos do grande tatu peludo (n=13) predominam sobre os do tatu-mulita (n=3); em ambos os casos, correspondem ao esqueleto pós-craniano e exoesqueleto, sendo escassa a presença de fragmentos ósseos alterados termicamente, contrariamente ao que ocorre nos sítios Localidade Arqueológica El Perdido (LAEP), Forte Lavalle (FL) e Forte Blanca Grande (FBG), distrito de Olavarría, província de Buenos Aires, Argentina. No tocante às partes esqueléticas, estão presentes quase todas as unidades anatômicas, apenas foi registrada uma marca de corte num coxal de *ChaetophRACTUS villosus* adulto (Figura 6). Aliás, foi registrado um fragmento de osso de ave atribuível a um elemento ósseo de *Nothura masculosa* ave pequena (AP, n=1). Os restos ósseos provêm das diferentes áreas trabalhadas.



Figura 6. Esquema em porcentagem das unidades anatômicas que representam a frequência de partes esqueléticas dos tatus registrados no SFGP com detalhes da evidência de marcas antrópicas.

A Tabela 2 exibe a distribuição, em termos de NISP, NISP percentual e MNI dos restos ósseos em que foi possível identificar a espécie (n=352). Tal como nos demais sítios fortificados pesquisados, a proporção de representatividade de *Equus f. caballus* dentro do grupo de MG é menor.

As partes esqueléticas presentes pertencem, mormente, ao esqueleto axial com claras evidências das marcas de procedimento. Essa espécie, menos representada do que *Bos p. taurus*, poderia indicar duas situações diferentes: de um lado, o uso primário desse táxon como meio de transporte e, em menor proporção, para o consumo, uma vez que os descendentes de europeus e nativos não costumavam consumir carne de cavalo de forma prioritária. O elevado NISP e MNI de *Bos p. taurus* e o escasso predomínio de ossos de cavalos com marcas de consumo confirmam-no. De qualquer forma, é necessário levar em consideração que, nas áreas de fronteiras, especialmente na segunda metade do século XIX, a interação entre os descendentes de europeus e nativos com os povos originários intensificou-se. As relações foram diversas, com momentos de alta fricção, e momentos pacíficos e de troca. As tribos de índios amigos podem ter influenciado o consumo de *Equus f. caballus*, tal e como o evidencia o registro arqueofaunístico do SFGP. As fontes documentais da época, bem como os escritos de Mansilla sobre os índios Ranqueles, ou as descrições de Parchappe em sua campanha militar, quando fundou o Forte Cruz de Guerra (1828), mencionam o consumo de cavalo como uma prática culinária frequente (Mansilla 1980; Parchappe 1977).

TAXA DEL FGP	Nome comum	NISP	%	MNI
<i>Equus f. caballus</i>	Cavalo	20	6	1
<i>Bos p. taurus</i>	Vaca	280	79	2
<i>Ovis o. aries</i>	Ovelha	34	10	2
<i>Ozotoceros b. celer</i>	Cervo dos pampas	1	0	1
<i>ChaetophRACTUS villosus</i>	Peludo	13	4	2
<i>Dasyptus hybridus</i>	Mulita	3	1	1
<i>Nothura masculosa</i>	Comun perdiz	1	0	1
Mamalia indet.		1064		
pássaros		1		
Soma del NISP:		352	100	
NISP TOTAL:		2481	35	
Espécimes não identificados:		999	65	
NISP Total:		3480	100	

Tabela 2. Número relativo e absoluto dos diferentes táxons representados no SFGP.

Os restos de *Bos p. taurus* indicam que essa espécie foi o principal recurso econômico para consumo e comércio de gado, altamen-

te representada tanto nas sondagens quanto nos diferentes transectos de coletas superficiais realizadas. As partes esqueléticas registradas exibem uma alta representatividade do total do esqueleto pós-craniano, isto é, aqueles ossos que carregam as partes de rendimento econômico alto, médio e baixo, predominando os indivíduos adultos sobre os jovens, com evidências de marcas de processamento. Também foi registrado um alto índice de alteração térmica das unidades anatómicas. As variáveis analisadas exibem a funcionalidade intensamente econômica dessa espécie na fronteira. *Bos p. taurus* virou o recurso econômico e de troca fundamental durante grande parte do século XIX, característica que se mantém atualmente apesar da introdução massiva de outras espécies, como *Ovis o. aries* ou a intensa produção de cultivos.

Existem registros adiantados da exploração de *Ovis o. aries* para o sul do rio Salado, porém, a produção massiva dessa espécie na província de Buenos Aires incrementou-se depois de 1850, junto com a exportação de lã à Inglaterra. A partir desse período, intensificaram e modificaram-se os meios de produção na região pampeana. Incrementaram-se a incorporação das cercas de arame (depois de 1844), galpões de tosquia, tesouras de tosquia, bacias de banho de ovelhas, e etc. (BARSKY e DJENDEREDJIAN, 2003; SABATO, 1989; MERLO, 2014). Esse táxon continuou sendo consumido durante o período em que funcionou o SFGP.

Quanto a *Ozotoceros b. celer*, apesar de ser uma espécie em estado de extinção e de que, em muitos dos sítios trabalhados posteriores à metade do século XIX, sobre a Fronteira Sul não há evidências, contrariamente ao registro arqueológico do SFGP (1869/1876) de presença na Fronteira Oeste (noroeste da província de Buenos Aires). De qualquer maneira, não fica desestimada a possibilidade de que tenha havido um aproveitamento prévio à fundação da fortificação ou nos primeiros momentos de ocupação do local.

A presença de tatus (*Chaetophractus villosus*, *Dasyus hybridus*) em sítios fortificados da região pampeana é muito característica, toda vez que estes animais de hábitos fossoriais buscam taludes ou zonas altas com baixo risco de alagamento para fazer suas tocas. Contudo, o consumo destas espécies silvestres autóctones, fáceis de caçar e de processar, não pode ser descartado. No SFGP registrou-se um osso de tatu com claras evidências de processamento, que poderiam ter tido lugar no momento de ocupação do sítio, antes ou depois. A resolução do registro arqueológico da área não per-

mite definir essas questões com precisão. As fontes documentais complementadas com o registro arqueológico oferecem indícios para se considerar o consumo de tatus por parte dos habitantes da fronteira (ARMAIGNAC [1883], 1976; DARWIN, 1940 [1833]; DE JONG e SATAS, 2011; GARCÍA, 1974; MERLO, 2015; PARCHAPPE, 1977, entre outros).

Discussão

Quanto à fauna, o objetivo fundamental desse trabalho, uma parte importante dos restos ósseos pôde ser assinalada como espécies tanto autóctones quanto europeias. Dentre as primeiras, registrou-se a presença de *Ozotoceros b. celer* com claras evidências de consumo, mamíferos de menor tamanho como *Chaetophractus villosus*, com evidências de processamento (marcas de corte) e presença de ossos de outras espécies, como *Dapsipus hybridus*, *Nothura masculosa*, sem registro de modificações antrópicas. Dentre os taxa domésticos, *Bos p. taurus* e *Ovis o. aries* apresentaram maior número e evidências de processamento cultural, enquanto *Equus f. caballus* teve menor proporção de achados. As duas primeiras espécies foram levadas para o SFGP para fins de consumo e comerciais, enquanto a terceira teve como função principal a de meio de transporte, embora não seja desestimado o consumo tanto pela sociedade descendente de europeus e nativos quanto pelos índios. Neste ponto é importante destacar que essa fauna formou parte da dieta dos habitantes da região de fronteira, conforme às rações alimentares que fornecia o governo.

Os restos arqueológicos sofreram processos pós-deposicionais tanto naturais quanto culturais, o que gerou o deslocamento de materiais quer no sentido vertical, quer no sentido horizontal. Estes processos, somados aos fatores geomorfológicos, dificultam a distinção de estratos ou níveis que possam ter correspondido a diferentes momentos de ocupação do SFGP e suas mediações. Apesar da impossibilidade atual de detectá-lo arqueologicamente, não fica descartada a factibilidade do emprego de recursos faunísticos locais em uma primeira etapa de ocupação da população no local, dados que contam com registros documentais por escrito. A posteriori, o incremento de colonos no local e a venda de terras a particulares geraram a redução do aproveitamento desses recursos locais, para serem substituídos pela produção e o consumo de animais domésticos introduzidos que continuam sendo utilizados hoje.

Conclusões

O processo expansionista implantado durante o período de formação do Estado nacional na Fronteira Oeste (1850-1880) gerou a introdução massiva de descendentes de europeus e nativos de diferentes condições sociais (proprietários de terras, fazendeiros, juízes de paz, sacerdotes, soldados, trabalhadores rurais e as famílias destes), que interagiram com as parcialidades indígenas do lugar. Esse novo incremento populacional gerou a demarcação de novos espaços e uma maior produção de recursos faunísticos domésticos como *Bos p. taurus* e *Equus f. caballus* e, posteriormente, *Ovis o. aries*, passando de uma economia de exploração diversificada de espécies silvestres e domésticas preexistentes, para a produção e o consumo de espécies introduzidas. Essas tendências foram observadas no registro arqueofaunístico do SFGP, tal como nos sítios de ocupações contemporâneas localizados sobre a Fronteira Sul (e.g. Forte Blanca Grande (FBG), Fortim La Parva (FLP) Localidade Arqueológica El Perdido (LAEP) e Forte Lavalle Sur (FL)).

O registro arqueológico se complementa com as fontes documentais da época, dessa forma, foi possível distinguir os contextos sociais que influenciaram na formação do registro arqueológico. Em relação aos hábitos alimentares evidenciados através das marcas de corte registradas nos ossos, pode-se afirmar que *Equus f. caballus* foi consumido em baixas proporções; *Bos p. taurus* e *Ovis o. aries* com maior frequência, e observou-se escassa evidência de consumo de *Ozotoceros b. celer* e de tatus. Adicionalmente, registrou-se a presença de uma unidade anatômica de *Nothura maculosamasculosa*, mas ela não apresentava marcas de corte. Os documentos escritos consultados também referem o consumo dessas espécies silvestres. Os restos ósseos analisados até agora evidenciam escassa presença de alteração térmica. As pesquisas realizadas sobre os assentamentos da Fronteira Sul e Oeste de grande parte do século XIX, marcam claras evidências de lugares estratégicos para a troca entre etnias, toda vez que elas formaram parte dos territórios pertencentes às populações originárias que, de maneira simétrica e assimétrica, interagiram com os colonos de diferentes naturalidades. Essa análise, portanto, demonstra que houve uma estreita conexão entre a fauna e a história do Forte General Paz.

Agradecimentos

Essa pesquisa só pôde ser realizada com o apoio do município Carlos Casares; o Departamento de Arqueologia da Faculdade de Huma-

nidades e Artes da Universidade Nacional de Rosario e as “Investigações Arqueológicas Post-Conquista da EU-INCUIPA-CONICET-UNICEN, da Faculdade de Ciências Sociais de Olavarría.

Referencias citadas

ARMAIGNAC, Henry. *Viajes por las Pampas Argentinas. Cacerías en el Quequén Grande y otras andanzas. 1869-1874*. EUDEBA, Buenos Aires, [1883] 1976.

BARSKY, Osvaldo y Julio DJENDEREDJIAN. *Historia del capitalismo agrario pampeano: la expansión ganadera hasta 1895*. Universidad de Belgrano, Siglo XXI, Buenos Aires, 2003.

BINFORD, Lewis. *Bones: Ancient men and modern myths*. Academic Press, New York, 1981.

DARWIN, Charles. *Viaje de un naturalista alrededor del mundo*. Tomo I. Espasa-Calpe. S.A. Madrid, pp:143-165, 1940 [1833].

DE JONG, Ingrid y Valeria SATAS. *Teófilo Gomila Memorias de frontera y otros escritos*. El Elefante Blanco, Directora Marta Gallardo, Buenos Aires, 2011.

GARCIA, Pedro. *Diario de un viaje a Salinas Grandes en los Campos del Sud de Buenos Aires. Lucha de frontera contra el indio*. EUDEBA, Buenos Aires, 1974

LEONI, Juan B.; TAMBURINI, Diana; ACEDO, Teresa y SCARAFIA, Graciela. De balas perdidas y vidrios rotos: distribución espacial de artefactos superficiales en el Fuerte General Paz (1869-1876). *Revista de Arqueología Histórica Argentina y Latinoamericana* 1: 29-64, Buenos Aires, 2007.

LEONI, Juan B.; TAMBURINI, Diana; ACEDO, Teresa y SCARAFIA, Graciela. Fortificando el desierto: la transformación del paisaje pampeano en el territorio del actual Partido de Carlos Casares, 1869-1877. *Anuario de Arqueología (UNR)* 5: 149-68, Rosario, 2013.

MANSILLA, Lucio V. *Una excursión a los indios ranqueles*. Centro Editor de América Latina, Buenos Aires, 1980.

MELLO ARAUJO, Astolfo G. y José C. MARCELINO. The role of armadillos in the movement of archeological material: an experimental approach. *Geoarcheology* 18(4):433-460. 2003.

MERLO, Julio F. *Aprovechamiento de recursos faunísticos en sitios fortificados de la frontera sur bonaerense en el siglo XIX*. Tesis Doctoral. En Biblioteca del INCUAPA-CONICET y Biblioteca Central del Campus Universitario(UNICEN), sede en Olavarría, Provincia de Buenos Aires, 2014.

MERLO, Julio F. Investigaciones arqueofaunísticas en el Fortín La Parva (1858). *Anuario de Arqueología*, Rosario 7: 165-184, Rosario, 2015.

PARCHAPPE, Narciso. *Expedición fundadora del fuerte 25 de Mayo en Cruz de Guerra*. Año 1828. EUDEBA, Buenos Aires, 1977.

SABATO, Hilda. *Capitalismo y ganadería en Buenos Aires: la fiebre del lanar. 1850-1890*. Sudamericana, Buenos Aires, 1989.